



**Universidade de Brasília
Instituto de Ciências Humanas
Departamento de História**

**MASCULINIDADES NA LITERATURA
CAVALEIRESCA - DEMANDA DO SANTO GRAAL**

**José Marcos Flor Silva de Araujo
Monografia de Graduação
Brasília, maio de 2021**



JOSÉ MARCOS FLOR SILVA DE ARAUJO

**MASCULINIDADES NA LITERATURA CAVALEIRESCA - DEMANDA DO SANTO
GRAAL**

Monografia apresentada ao Departamento de História, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado e bacharel em História, sob a orientação da Prof.^a Dra. Cláudia Costa Brochado

**Brasília
2021**

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha mãe Waner Flor Silva de Araújo, por todo amor, carinho, paciência e dedicação, fundamentais na construção dessa monografia, e também, por ser uma mulher resiliente, feminista, batalhadora, dentre tantas outras qualidades que modelaram meu caráter e me ensinaram a nunca desistir diante das adversidades da vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por me conceder a força necessária para nunca desistir da busca pela realização dos meus sonhos.

Agradeço também à minha orientadora, Cláudia Costa Brochado, por me acompanhar nessa jornada final do curso, ao longo de um ano e meio, desde a concepção do projeto até sua finalização. Sou grato por seus conselhos, paciência e dedicação que pavimentaram a construção deste trabalho.

Registro um agradecimento especial a minha companheira de curso, Ana Christian Mesquita dos Anjos, que ao longo dessa jornada, sempre esteve ao meu lado me aconselhando e auxiliando nos percalços da vida universitária; e dedico minha eterna gratidão a Helen Maria de Sousa Santos, pelos longos anos de amizade, por todos os momentos em que esteve presente me apoiando incondicionalmente, pelos conselhos, carinho e principalmente por me ajudar a cada dia a me tornar um ser humano melhor.

Meus agradecimentos também a meu pai Rogerio Alves de Araújo, que sempre forneceu o suporte familiar, e também por seu exemplo de caráter, a meus irmãos e os demais familiares que sempre me apoiaram e incentivaram ao longo dos anos de estudo.

Por fim agradeço a todas as amigas e professores que passaram ao longo da trajetória universitária e que contribuíram na minha formação acadêmica e cidadã.

RESUMO

Este trabalho analisa a construção das masculinidades a partir dos comportamentos dos cavaleiros dentro da narrativa da Demanda do Santo Graal, manuscrito do século XIII escrito em francês e traduzido para o português no século XV. A obra faz parte do ciclo arturiano, e a narrativa dá ênfase às aventuras dos cavaleiros da Távola redonda na busca pelo Santo Graal. Ao longo da narrativa, é perceptível a preocupação do narrador em descrever os comportamentos e atitudes dos cavaleiros, criando dois arquétipos de masculinidade, um santo, voltado a práticas de oração e obediência, e um guerreiro ligado, aos desejos carnis e buscas individuais. O trabalho procura evidenciar as diferenças e semelhanças entre as masculinidades apresentadas, reconhecendo que apesar de ser um arquétipo construído a partir dos comportamentos dos homens, a masculinidade não é monolítica, e sim uma percepção multifacetada que é construída a partir das relações sociais, econômicas e institucionais, em que os homens produzem comportamentos e respostas distintas na sociedade. Na literatura medieval encontramos idealizações dessa sociedade com personagens que encarnam a perfeição e que possuem características modulares. A Demanda do Santo Graal, tão representativa desse universo, deu certamente importante contribuição à construção do gênero masculino, reverberando nos sentidos das masculinidades do presente.

Palavras-chave: Idade Média, Santo Graal, Cavalaria, Masculinidades, Gênero.

SUMARIO

Introdução.....	06
Capítulo 1 - Modelando a Cavalaria.....	09
Capítulo 2 - Modelando as masculinidades.....	22
Considerações finais.....	37
Referências.....	39
Declaração de Autenticidade.....	43

INTRODUÇÃO

Damas indefesas, cavaleiros em armaduras brilhantes, reis generosos, torneios animados, castelos luxuosos. O período medieval possui um rico imaginário fantasioso, criado a partir da literatura, principalmente, de romances de cavalaria. A Demanda do Santo Graal, fonte primária analisada nesta pesquisa, faz parte desse arcabouço que contribuiu para a difusão dessas imagens, principalmente, a do cavaleiro cristão que age procurando aventuras, um verdadeiro herói que salva donzelas em perigo e protege os mais fracos. A obra foi escrita em francês no século XIII e faz parte do ciclo arturiano, uma narrativa que dá ênfase às aventuras dos cavaleiros da Távola Redonda na busca pelo Santo Graal. Este trabalho utilizará a tradução feita por Heitor Megale (1988).

É objetivo deste trabalho analisar a construção das masculinidades nesta obra, visto que na narrativa há uma preocupação em descrever os comportamentos dos cavaleiros em torno de dois arquétipos de masculinidade, um santo, voltada às práticas de oração e obediência, e um guerreiro, ligado ao desejos carnis e buscas individuais. O trabalho procura evidenciar as diferenças e semelhanças entre eles. O texto conta a história da busca dos cavaleiros da Távola Redonda pelo Santo Graal. Segundo a lenda, esse foi o recipiente que guardou o sangue de Cristo após a crucificação, possuindo assim alguns poderes, e se tratando de um objeto sagrado de grande simbolismo. Apesar da importância da busca pelo Graal, fica evidente no conto que esse objetivo acaba tendo um papel secundário frente aos elementos principais da narrativa, que são as aventuras dos cavaleiros ao longo do percurso. As escolhas, atitudes e vícios, além de caracterizarem os personagens, possuem um caráter pedagógico pois indicam aquilo que se espera de um cavaleiro ideal, e também o que seria reprovável nele.

Para a compreensão do universo cavaleiresco, utilizaremos o conceito de imaginário formulado por Jacques Le Goff (1994) e Jean-Claude Schmitt (2007).

Le Goff observa que o imaginário está ligado diretamente a ideias e imagens simbólicas, sendo construído por todos os grupos sociais de maneira consciente ou inconsciente, partilhando paixões e sentimentos individuais e coletivos. Ele observa que se trata de um conceito atemporal que engloba praticamente todas as sociedades, um construto coletivo cultural, que utiliza de símbolos e imagens do mundo real porém de maneira

idealizada, é uma releitura da sociedade no mundo fantasioso, em que os agentes sociais buscam satisfazer ânsias, medos e desejos. (1994, p. 11 - 13)

Considera-se também o entendimento de Jean Claude Schmitt: “Por imaginário, entendo uma realidade coletiva que consiste em narrativas míticas, em ficções, em imagens, partilhadas pelos atores sociais” (SCHMITT, 2007, p. 351). O autor entende que o imaginário é construído a partir de paixões e reações emocionais, e por isso se distancia de outros conceitos que são criados a partir do pensamento intelectual, como o conceito de representação.

O imaginário medieval compreende uma gama riquíssima de símbolos e imagens que despertam até hoje encantamento, incluindo seres fantásticos, como dragões, fadas, magos e bruxas, construindo uma realidade muito peculiar e diversa que cria também os personagens perfeitos: o melhor cavaleiro, o rei mais sábio, a dama mais pura, etc. Outro conjunto de imagens que é criado a partir de símbolos e signos cristãos: pecados, diabos, deus, santos, etc, e que são utilizadas, muitas vezes, de maneira pedagógica. (LE GOFF, 1997, p. 27)

Le Goff observa ainda que é possível perceber na literatura medieval alguns aspectos sociais simbólicos e dinâmicas que não acessamos em outros documentos (1994, p. 13). A Demanda do Santo Graal é exemplo disso. A obra permite, por exemplo, ter acesso às qualidades de uma esperada masculinidade santa inscrita na narrativa com a finalidade de modelar comportamentos.

Estando a literatura cavaleiresca entre o mundo real e o fantasioso, ela constrói imagens que falam sobre a idealização do mundo medieval utilizando-se de simbolismos e representações ligadas às práticas e costumes cavaleirescos do mundo real com a finalidade de narrar uma grande aventura cristã. O cavaleiro está no centro da narrativa, sendo portador tanto de elementos específicos da cavalaria e de seus códigos, quanto de elementos próprios da espiritualidade cristã e de suas práticas. Assim, é através do cavaleiro que a narrativa une elementos das duas esferas, a laica e a eclesiástica, a terrena e a sagrada. A cavalaria, sendo uma instituição militar exclusivamente masculina, contribui para a formação do que chamaremos de masculinidade guerreira: comportamentos e atitudes masculinas encarnadas nos guerreiros e construídas a partir dos valores católicos, dos códigos de honra da cavalaria e também do pertencimento à nobreza e aos seus privilégios.

A caracterização das masculinidades é uma tarefa complexa pois, como já dito, trata-se de uma noção que escapa à maioria dos documentos. Outra complexidade é que elas se constroem a partir dos comportamentos dos cavaleiros do conto, que são comportamentos típicos da atividade guerreira do período, e ao mesmo tempo revestidos de uma missão cristã

das mais elevadas. É nosso objetivo demonstrar quais elementos caracterizam essas masculinidades e como são apresentados a partir das atitudes dos cavaleiros na busca pelo Santo Graal.

O trabalho se divide em duas partes. A primeira apoia-se principalmente em trabalhos de Dominique Barthélemy e Jean Flori, e apresenta a formação da cavalaria e todos os elementos que possibilitaram seu surgimento, o seu fortalecimento em torno do ano mil, chegando ao ponto alto de sua função: as Cruzadas. Essas contribuíram para o enriquecimento dos cavaleiros e do imaginário cavaleiresco, caracterizando assim a cavalaria enquanto instituição formada por homens armados da nobreza feudal, e trazendo profundas mudanças na sociedade medieval.

A segunda parte apoia-se principalmente nos trabalhos de Adriana Zierer e Ruth Mazo Karras e procura evidenciar a pluralidade das masculinidades e os elementos que, a partir da literatura, possibilitaram a análise desse fenômeno social, além de analisar elementos da Demanda do Santo Graal que indicam sua intenção em construir um cavaleiro literário que seja exemplo para o real cavaleiro cristão.

CAPÍTULO 1

Modelando a cavalaria

A Demanda do Santo Graal (DSG)¹, é uma história fantástica sobre a busca dos cavaleiros da tábua redonda pelo cálice sagrado. A história começa na festa de Pentecostes no ano de 486 d.C., na casa do rei Artur, todos os convidados estão na expectativa para o banquete, mas principalmente para a manifestação do maravilhoso, da manifestação de Deus no evento. O acontecimento que deflagra o início da busca pelo Graal é justamente o aparecimento do mesmo na festa, em que surge como um cálice emanando uma forte luz e enchendo as mesas com um riquíssimo banquete (DSG, 1988, n.p). O cálice desaparece após algum tempo, mas não sem deixar a vontade do reencontro no coração dos cavaleiros, logo, todos os cento e cinquenta juram não retornar à casa de Artur sem ter outro contato com o objeto sagrado, com isso é dado início à busca pelo Graal.

Essa busca é o que move que move todos os cavaleiros ao longo das páginas do conto, a estrutura de narrativa do conto é curiosa, pois retrata diversas aventuras que alguns dos principais cavaleiros viveram, sempre evidenciando a manifestação e os ensinamentos de Cristo. Dos cento e cinquenta cavaleiros, apenas doze recebem destaque na história, e principalmente três, que encarnam o melhor e mais puro da cavalaria, sendo eles Galaaz, o “melhor cavaleiro do mundo”, além de Boorz de Gaunes e Perceval. Proporcionalmente a estes, outros três encarnam o que há de pior e mais condenável na cavalaria, sendo eles Galvão, Morderete e Agravaim.

A fonte original é datada do século XIII e escrita em francês arcaico, porém, somente alguns fólios sobreviveram ao tempo, logo, o texto mais completo é uma cópia do século XV escrita em português medieval². A autoria do texto é anônima, porém Heitor Megale aponta que a partir de estudos filológicos, pode-se notar particularidades no texto que apontam não somente para um único autor, e sim uma contribuição possivelmente de três autores (MEGALE, 1988, p. 11). A tradução para o português possui uma longa história, sendo resumidamente descrita por Zierer:

A obra tem relativa facilidade de acesso, visto que existem versões em português moderno (1988, 2008) que podem ser consultadas. O livro também está publicado em português arcaico em edições de Portugal, como, por

¹ Ao longo de todo o texto se optará pela referência à fonte mediante sua abreviação, neste trabalho determinada como DSG.

² Códice 2594 da Biblioteca Nacional de Viena. Possui 199 fólios “escritos em letra gótica em duas colunas, na frente e no verso” (MEGALE, 1988, p.11)

exemplo, a de Irene Freire Nunes (1995). No Brasil houve duas edições da *Demanda* publicadas por Augusto Magne. Em 1944, este filólogo publicou dois volumes e um terceiro de glossário. Porém como essa versão omitia algumas partes do texto, foi bastante criticada. Posteriormente, Magne publicou uma versão crítica do português arcaico, seguida do fac-símile do manuscrito original, editada em 1955 (vol. 1) e 1970 (vol. 2). (ZIERER, 2011, p.15)

A facilidade de acesso às traduções modernas possibilitaram uma pluralidade de trabalhos em diversas áreas, principalmente de letras e história. Com rápida pesquisa pela internet, é possível encontrar diversos trabalhos que utilizam a DSG como fonte, e uma parte significativa analisa as características da cavalaria e dos cavaleiros no texto. Sendo parte de um esforço coletivo, alguns trabalhos buscam também elucidar o imaginário medieval a partir da literatura cavaleiresca, uma vez que: “[...] a história do imaginário tem os seus documentos privilegiados: e, muito naturalmente, esses documentos são as produções do imaginário: obras literárias e artísticas”. (LE GOFF, 1994, p.13). Schmitt observa que toda “sociedade, todo grupo constituído produz um imaginário, sonhos coletivos, garantidores de sua coesão e de sua identidade (SCHMITT, 2007, p. 351).

Já tendo considerado a literatura como fonte privilegiada para o estudo do imaginário, Jacques Le Goff também explorou a potencialidade desses estudos em “O imaginário medieval” (1994), demonstrando que o produto dessa construção ficcional não se trata necessariamente da verdade dos fatos, mas da projeção dos medievais sobre a própria realidade, ou seja, o universo dos romances e aventuras cavaleirescas é construído a partir de personagens do cotidiano medieval, como cavaleiros, damas, reis, dentre outros, porém encarnam na literatura a perfeição desejada para o mundo real, sendo assim, os personagens literários são modelos criados para a realidade.(LE GOFF, 1994, p. 13)

Os estudos sobre a DSG reforçam o que Carlo Ginzburg chamou de “circularidade da cultura”³, uma vez que essas histórias alcançaram tanto camponeses quanto os nobres por meio dos trovadores e bardos. Sendo assim, a literatura cumpre seu papel de participar e contar sobre a vida medieval, trazendo ao leitor/historiador uma experiência única de acesso a uma realidade recriada nos contos literários.

Uma demonstração do alcance e difusão das histórias arturianas pela Europa se revela justamente em Portugal, pois como aponta Ademir Luiz da Silva, a corte portuguesa desde o século XIII possuía laços com a cultura escrita francesa, visto que muitos de seus membros foram enviados para estudar na França. Portugal iniciou um longo processo de intensificação

³ GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2017, p. 10.

da produção literária, sendo assim, foram feitos diversos movimentos de aproximação da corte com a literatura, entre os séculos XIII e XV, principalmente, a tradução de diversos contos arturianos, por exemplo a DSG. Essa apreciação das histórias se tornou evidente em Portugal visto que Dom João I observou semelhanças entre a sua trajetória de vida e a do Rei Artur (SILVA, 2011, p.38). Potencializados pela Reconquista, pelas Cruzadas, e pela fundação da Ordem de Cavalaria de Avis, quando ocorreu uma aproximação entre a Igreja e os portugueses, tentou-se consolidar a corte portuguesa como a mais cristã e a mais perfeita da Europa. Assim, ficaria evidente as semelhanças entre o reino português e o reino mágico de Logres, a partir da grande devoção cristã.

A DSG é portadora de diversos simbolismos e significados que constroem um cavaleiro ideal, que inspira cavaleiros reais a buscarem um estilo de vida como o apresentado na literatura, porém antes de nos aprofundarmos no cavaleiro idealizado pela literatura, procuraremos compreender o surgimento da figura do cavaleiro, a instituição da cavalaria com seus códigos e práticas, bem como a dinâmica social e as disputas de espaços entre a nobreza guerreira e o clero.

Algumas características remontam à Antiguidade, como observa Jean Flori ao demonstrar que existiam valores comuns aos povos da Antiguidade quanto à valorização do guerreiro e ao emprego de cavalos nas guerras, que inicialmente eram utilizados pelos povos que habitavam as estepes asiáticas e que foram transmitidos para os guerreiros "bárbaros" da Europa central (FLORI, 2005, p. 11-12). Essas características eram atribuídas também aos soldados comuns, *milites*⁴, sem muita distinção social dos demais membros do grupo.

Dominique Barthélemy trata de evidenciar ao longo da monumental obra “A Cavalaria. Da Germânia antiga à França do século XII” (2010), que a cavalaria clássica como a conhecemos surgiu a partir de uma série de mudanças sociais e políticas que ocorreram desde o final da Idade Antiga e ao longo de toda a Idade Média. O estudo aponta para uma herança gaulesa na grande habilidade com armas e no uso do cavalo em guerras, e à heranças germânicas com a valorização e participação guerreira na vida política da tribo e na formação de conselhos. Tais características vão permanecer vivas mesmo que sofrendo algumas mudanças ao longo do tempo.

Na época carolíngia a cavalaria receberá destaque, como já muito trabalhado pela historiografia, tendo sido os cavaleiros de Carlos Magno que garantiram a superioridade em campo de batalha e a expansão das fronteiras do Sacro Império. A superioridade do guerreiro

⁴ O termo será utilizado como apresentado por J. Favier : “O *miles* é um soldado, isto é, alguém que serve o exército, e não alguém que goza de alguma distinção social”. (2004, p. 163)

franco era assegurada pelo seu treinamento, mesmo que precário, e por um bom equipamento. Alguns desses avanços tecnológicos militares são apresentados por Barthélemy, que destaca principalmente as técnicas de forja de espadas e armaduras que garantiriam uma liga metálica mais forte e mais leve, porém com custos elevados, logo, para se tornar cavaleiro era necessário ter posses suficientes para a manutenção do equipamento, além da garantia de sobrevivência ao longo do período de treinamento:

No século IX, nota Jean-Pierre Devroey, para cada 12 homens do campo, um privilegiado pode ser cavaleiro ou monge graças ao trabalho dos outros. Num capitulário de 792, servir a cavalo e com couraça é reputado como possível ao possuidor de 12 mansos, enquanto quatro mansos podem prover um infante - quatro mansos é a exploração camponesa ideal, a que se imagina necessária para sustentar um padre de paróquia. (BARTHELEMY, 2010, p.97)

Com isso, nem todos os homens poderiam participar de tal empreendimento, ficando reservado aos senhores notáveis, principalmente devido aos custos de comprar e manter um bom cavalo de guerra. É preciso cuidado ao imaginarmos esse grupo antes do século IX, pois “a cavalaria ainda não é uma nobreza”, mesmo sendo um grupo que já pode deixar de servir a pé. Entre o povo, ela não é um estrato dominante, mas uma camada superior” (FAVIER, 2004, p.163).

Porém, não somente a força militar foi garantidora do Império Carolíngio, também as fortes relações com a Igreja, sendo Carlos Magno o protetor do clero, como sabemos. Tanto os guerreiros quanto a própria Igreja se beneficiaram com o acúmulo de riquezas garantidos pela força do império franco, e mantiveram os laços apesar das tensões e conflitos internos. Com a configuração da feudalidade em torno do ano 1000 e a fragmentação do Império Carolíngio, as relações entre clero e guerreiros se tornam cada vez mais tensas, com a Igreja tentando conter os guerreiros e controlar a sua força militar em benefício de seus interesses. Diante dessa busca, o clero lança a Paz de Deus e a Trégua de Deus, com o intuito de controlar a sanha dos conflitos internos na Europa. Flori demonstra outros objetivos da Igreja:

[...] o objeto principal da paz de Deus não seria combater em si a guerra privada ou eventuais e supostos banditismos dos cavaleiros feudais, mas sim, como nos séculos anteriores, obrigar os laicos designados de tal forma a renunciar aos direitos que reivindicavam sobre as terras eclesiásticas das quais eles às vezes eram “protetores” ou antigos doadores, ou então sobre as terras que eles tinham tomado para garantir a defesa da região. (2013, p.75)

Porém tais movimentos não foram suficientes para controlar todo o grupo, o que resultou em uma quantidade considerável de bispos e padres assassinados durante os conflitos

entre cavaleiros e a invasão das terras da Igreja. Cada clérigo assassinado acabava se tornando parte do exército de santos da Igreja, com isso, ao longo do século X, há um aumento exponencial de cultos aos santos guerreiros que perderam suas vidas nesses conflitos.

Desde Carlos Magno houve tentativas de subordinar a Igreja ao imperador, com a feudalidade o quadro de poder não se alterou muito, já que os senhores possuíam cada um sua igreja privada e comandava as normas religiosas dentro de suas terras. Como destaca Barthelemy (2010), ocorreram diversos conflitos entre essas igrejas privadas e o bispado, cabendo muitas vezes aos condes resolver os conflitos. Porém o clero se opôs em diversos momentos buscando independência e criando um conjunto de normas que garantissem a independência das terras do clero e de seus membros do serviço de vassalagem aos senhores, e criando, assim, uma independência para com os cavaleiros.

O clero promove modificações de sua organização hierárquica, além de instituir também diversas normas e métodos de controle, buscando uma uniformização, porém nunca atingida, mas contribuindo para a construção do imaginário sobre a verdadeira organização social, a tripartição medieval, muito bem apresentada por Georges Duby em “As três ordens ou o imaginário do feudalismo”, que considera que ela tem a função de manter a ordem de Deus para o mundo. Para a cavalaria se cria a teoria dos dois gládios, na qual o clero combate com armas espirituais e os cavaleiros combatem com armas reais. Porém, o combate espiritual estaria acima do real, já que ele se encontra no plano do bem e do mal, no auxílio às tropas de Deus.

Está na lógica da reforma gregoriana reafirmar e acentuar o primado do combate espiritual, portanto do clero, e valorizar a conversão dos cavaleiros à vida religiosa. A ideia das duas milícias está, portanto, mais presente do que nunca; ela se alimenta do ambiente conflituoso da reforma e da cruzada, assim como da presença imaginada de demônios, para tornar verdadeiramente uma teoria dos dois combates. (BARTHELEMY, 2010, p 304)

A questão das investiduras também modifica a ordem e influência na cavalaria, uma vez que, anteriormente cabia apenas ao imperador investir um cavaleiro, após toda a querela, o rito se divide em duas partes, sendo metade da investidura dada pelo imperador, ou senhor feudal, representando o poder temporal, e a outra metade dada pelo papa, ou outro em seu lugar, o poder espiritual. A Igreja aumenta assim a sua presença em ritos cavaleirescos, sacralizando a atividade militar. O que anteriormente era apenas mais um dos ritos de cavalaria, ganhando corpo e significados cristãos. Ramon Llull, um clérigo e poeta catalão do século XIII, no seu manual “O livro da ordem de cavalaria”, voltado justamente a ensinar os

significados e simbolismos da cavalaria aos aspirantes, descreve todo o rito da investidura. Neste rito, o aspirante a cavaleiro deveria primeiro confessar os pecados para assim viver a festa de recebimento da cavalaria, além disso:

Na manhã seguinte, convém cantar uma missa solene. E o escudeiro deve vir diante do altar, oferecendo-se ao presbítero, que está no lugar de Deus, e à ordem de cavalaria, para que seja um bom servo do Altíssimo. E convém que se obrigue e se submeta a honrar e a manter a dita ordem com todas suas forças. Nesse dia convém se fazer sermão, no qual sejam lembrados os treze artigos que são os fundamentos da Fé; os dez mandamentos de Deus; e os sete sacramentos da Santa Igreja, e as outras coisas que pertencem à fé. E o escudeiro deve lembrar-se muito bem dessas coisas para que possa cumprir com o sucesso o ofício de cavalaria, que concordam com o exercício das coisas pertencentes a santa fé católica⁵ (LLULL, 1986, p. 17).

Barthelemy (2010) destaca que as reformas da Igreja nesse período transportaram para a cavalaria o ideal do cristianismo primitivo. O exemplo dado pelos monges, de trabalho e oração era visto pelo papado como o modelo para todos os cristãos, ou seja, ser um bom cavaleiro requeria não só um bom domínio das técnicas militares, mas a prática frequente de orações do saltério. Todas essas características vão ser apresentadas na DSG na figura de Galaaz, conforme observa Neila Matias de Souza:

Galaaz é uma construção ideal, baseada na perfeição, na bondade e justiça divina, ele de fato constitui um exemplo, um bom exemplo, o válido, o que deve ser reconhecido e seguido por todos. Ele não só é um bom cavaleiro, talvez essa característica torne mais acessível sua “realidade” entre os outros cavaleiros que passariam a vê-lo como o modelo de guerreiro a ser adotado, mas também é um bom cristão, ele nunca peca, nem em pensamento, e passa toda a vida confessando-se, jejuando e orando (SOUZA, 2011, p.107).

A exemplaridade a ser seguida não se limitava apenas aos monges e suas normas, oração e vida penitente, os cavaleiros também deveriam seguir os exemplos dados pelos santos, lembrando porém que os últimos empregavam muitas vezes a violência para a proteção das igrejas e de seus fiéis:

[...] Nas narrativas dos monges, oriundas de sua mentalidade religiosa, os santos padroeiros dos mosteiros assumiam em suas próprias mãos a proteção de seus domínios, bens e pessoal, tanto clérigos quanto laicos. Às vezes

⁵ Tradução livre nossa: *A la mañana siguiente conviene que se cante misa solemne; y el escudero debe llegarse hasta el pie del altar, ofreciéndose al presbítero, que tiene lugar de Dios, y al orden de caballería, para que sea buen servidor del Altísimo. Y conviene que se obligue y someta a honrar y mantener el dicho orden con todo su poder. En aquel día conviene haya sermón, en el cual sean recordados los trece artículos que son el fundamento de la Fe; los diez mandamientos de Dios; los siete sacramentos de la Santa Iglesia; y demás cosas tocantes a la Fe. El escudero debe recordar muy bien estas cosas, a fin de que pueda cumplir con acierto el oficio de caballería, que concuerda con el ejercicio de las cosas pertenecientes a la santa Fe católica.*

agiam com grande violência, em pessoa ou por intermédio de suas relíquias ou de suas estátuas, e suas intervenções contribuía também para a sacralização das ações violentas cometidas no interesse das igrejas (FLORI, 2013, p.108).

O imaginário católico se tornava cada vez mais rico em elementos do mundo da cavalaria, no qual se fundem práticas dos monges com as práticas guerreiras em prol da expansão do domínio da Igreja através das guerras. A cruz, que era entendida como dor e sofrimento – começando por Cristo, depois pelos santos mártires –, passou a ser utilizada como símbolo da força e da vingança contra os pagãos. A violência cada vez mais sacralizada, e os laços entre Igreja e cavalaria cada vez mais estreitos, resultaram na peregrinação em direção ao Oriente e à conversão dos pagãos pela força da cruz que cada cavaleiro portava em sua bainha (LLULL, 1986, p. 18).

As relações entre Igreja e cavalaria se tornam cada vez mais estreitas, e após o Concílio de Clermont, quando o papa Urbano II se dirige diretamente aos cavaleiros e clama pela marcha ao Oriente, ele reforça a ideia de socorrer os peregrinos e cristãos do Oriente, socorrendo assim a fé cristã.

O papado se utiliza das ideias que estão fortemente presentes no cotidiano dos guerreiros, voltadas aqui a uma guerra justa. Apesar de ser esse um conceito criado por Santo Agostinho para evitar o conflito entre os cristãos no século IV, no século XI ele será empregado como justificativa para a Guerra Santa, a Igreja estaria defendendo a Cristandade das ameaças dos pagãos, garantindo o perdão dos pecados a todos os cavaleiros participantes. Se projetava assim o apocalipse, a luta definitiva entre o bem e o mal, condicionando a libertação do Santo Sepulcro à volta de Cristo à Terra. O caráter milenarista toma as narrativas sobre os conflitos no Oriente, tornam-se comuns relatos que descrevem a participação de santos nos combates e até mesmo o próprio Cristo, destacado por um autor anônimo em *Histoire anonyme de la première croisade*:

Viam-se sair da montanha inúmeras tropas, montadas em cavalos brancos, e brancos eram também seus estandartes. Ao verem aquele exército, os nossos não sabiam o que estava acontecendo nem quais eram aqueles soldados; depois reconheceram que era um socorro de Cristo, cujos comandantes eram São Jorge, São Mercúrio e São Demétrio. Este testemunho deve ser acreditado, pois vários dos nossos viram tais coisas (ANÔNIMO, p.155; apud FLORI, 2013, p.340).

O cavaleiro que se dirigia ao Oriente não estava apenas fazendo um serviço à Igreja, tampouco buscando apenas riquezas, estava ali para combater o demônio diretamente, o fim do mundo se daria naquele campo de batalha. As narrativas reforçam esse imaginário e

conferiam à cavalaria um serviço de natureza sacra, com muitos partindo para o Oriente em caráter de peregrinação:

Essa prática, no final do século XI, de fato gozava de grande simpatia em consequência do desenvolvimento da doutrina das penitências tarifadas. A partir do ano 1000, principalmente, a viagem ao Sepulcro tornou-se um modo de penitência que deveria ser cumprido para satisfazer penas eclesiásticas impostas aos pecadores para a remissão de seus pecados confessados. Os peregrinos, assim que partiam, eram protegidos pela igreja até sua volta, bem como suas respectivas famílias e seus bens (FLORI, 2013, p.321).

Após a Primeira Cruzada, os guerreiros sobreviventes retornam à Europa como portadores de grande prestígio e honra, criada pelas narrativas e pela conquista do Santo Sepulcro. A imagem do cavaleiro pecador que partiu para o Oriente já não existe mais nas narrativas como antes, agora o mundo da literatura estava povoado por valores cristãos, tendo como objetivo a proteção da Cristandade. A Igreja dedicou grande energia para vincular a cavalaria aos valores cristãos e para colocar o cavaleiro a serviço da bíblia, porém seu ideal mundano prevaleceu :

Entre o ideal que a igreja enaltecia e o que era adotado há muito tempo pela cavalaria, a luta havia se tornado demasiadamente desigual. Apesar das tentativas repetidas da Igreja de infundir seus próprios valores nos da cavalaria, a ideologia cavalheiresca havia acabado por impor seus valores, portadores de uma ética muito mais profana e mundana (FLORI, 2005, p. 138).

Muito impulsionados pelas vitórias no Oriente e pela nova dinâmica social que se fazia presente o impulso das cidades no centro da Europa feudal a modificação da dinâmica social, a cavalaria recebe novas atribuições e se modifica para participar da “nova sociedade”.

As cidades europeias que recebiam esses cavaleiros que retornavam das cruzadas estavam em plena expansão desde o século X, quando muitos saíram do campo e buscaram se assentar na vida cidadina:

Entre 1150 e 1340, uma nova sociedade urbana se instaura. Embora situada no feudalismo, não são as hierarquias da sociedade feudal que melhor podem caracterizá-la, mas um novo tipo de estratificação social ligado à economia, à propriedade urbana, ao dinheiro, à influência na cidade. Porém as "ordens" tradicionais também estão presentes: a nobreza nem sempre, pois com frequência ela se opõe à cidade; a Igreja, em compensação, é onipresente tanto no temporal como no espiritual (LE GOFF, 1992, p. 94).

Essa classe que nasceu do comércio especializado e da formação de mercados tinha acesso a diversos elementos que os distinguiu do camponês. Apesar da aristocracia e clero os enxergarem apenas como camponeses endinheirados, possuíam, no entanto, acesso a escolas,

participam da vida política através das corporações de ofício, além de terem acesso a uma gama de serviços especializados e diversificados nos espaços urbanos.

Os cavaleiros buscavam por riquezas e fama individual, idealizavam desfrutar de uma vida senhorial, porém no Oriente estavam se tornando escassas as vitórias e conseqüentemente o butim, e com isso, o prestígio dos nobres fica ameaçado, ficando esses cada vez mais dependentes de empréstimos. Barthelemy (2010) destaca algumas práticas da cavalaria, como saques nas casas da chamada burguesia ascendente para saciar o desejo de riquezas. Ao mesmo tempo, essa burguesia buscava se inserir no meio cavaleiresco, comprando títulos de nobreza e equipamentos para viabilizar a participação em torneios:

Até o fim do século XII, esses torneios não se diferenciam das guerras verdadeiras, de que são réplica codificada.[...] O objetivo, nos torneios como na guerra, consiste mais em acumular o saque e ampliar a glória do que em matar o adversário, mesmo que tais acidentes não sejam raros, tão completa a semelhança entre torneios e combates guerreiros. É também a oportunidade para cavaleiros pobres de atrair atenção de algum patrono rico e entrar para sua “equipe”, a seu serviço. O prestígio da façanha cavaleiresca também pode ganhar os favores de uma rica viúva e, graças ao casamento, assegurar a promoção social do herói. (FLORI, 2013, p. 221-222).

Os tempos gloriosos da cavalaria estavam vivos nessas práticas e será o torneio o maior impulsionador do ideal da cavalaria, uma vez que toda a sociedade poderia ver as habilidades dos guerreiros em campo de batalha.

Os torneios também estão inseridos nos jogos políticos. Nos arranjos feitos entre nobres durante a participação nesses eventos, alguns cavaleiros conseguem prestígio e notoriedade, conseqüentemente, um bom casamento com donzelas de posição social acima deles, como “Guilherme, o Marechal”⁶. O clero também participava desses torneios e arranjos, porém com certa discriminação, uma vez que sua posição em relação a essas práticas costumava ser de condenação, conforme observa Le Goff:

Jacques de Vitry, no século XIII, demonstrou como, num torneio, se cometiam os sete pecados mortais; a soberba, na medida em que esse tipo de competição provinha do desejo desmedido de glória e de honras; a ira, porque o recontro, embora fosse ocasionado pelas regras do jogo, acaba fatalmente por gerar ódio e desejo de vingança; a preguiça, porque os que tinham sido derrotados num torneio se entregavam facilmente à prostração e ao desânimo; a avareza, na medida em que o desafio era feito na perspectiva do saque, que era constituído pelas armas e pelos cavalos dos adversários vencidos, e dos prêmios postos em jogo para os vencedores; e, finalmente, a luxúria, na medida em que os que participavam nos torneios lutavam normalmente para agradarem às suas damas, cujas «cores» — ou outros

⁶ DUBY, Georges et al. *Guilherme, o Marechal*: o melhor cavaleiro do mundo. Trad. Renato Janine Ribeiro - Rio de Janeiro : Edições Graal, 1988.

penhores (os véus, as mangas) — usavam durante o combate, como timbre ou estandarte (LE GOFF, 1987, p. 71).

As autoridades eclesiásticas criticavam o combate violento entre cristãos, preferindo um combate que não colocasse a vida dos guerreiros em risco. Foram criadas, assim, as justas, que eram combates com armas de madeira com apenas alguns pontos de impacto permitidos dentro do combate, garantindo assim a integridade física dos cavaleiros.

O prestígio dos torneios permaneceu forte por um longo período, entrando em declínio, conjuntamente com a cavalaria a partir do final do século XIII e ao longo do XIV, devido às derrotas sofridas no Oriente. No entanto, permaneceram muito fortes e presentes no imaginário medieval através da literatura, narrativas que exaltavam a figura do cavaleiro e que rememoravam épocas mais gloriosas:

A cavalaria clássica, com seus torneios e suas festas, com sua literatura, é - mais do que a “pré-Cavalaria” da alta idade média - da ordem da ficção e do artifício. Ela é frequentemente a poeira nos olhos que esconde as decepções inéditas da classe dos Cavaleiros[...] (BARTHELEMY, 2010, p. 588)

Este cavaleiro que tenta ser revitalizado pela literatura não é obviamente o mesmo homem que partiu no século XI para o Oriente, pecador e imperfeito que necessitava da peregrinação para redenção dos pecados. O cavaleiro da literatura é um ser idealizado, possuidor de elevados valores cristãos: “[...] um “bom cavaleiro” não cometia pecados da carne, confessava-se regularmente, fazia orações e jejuava em sinal de penitência”, e completa a respeito do mau cavaleiro:

Este tipo de cavaleiro transgredia os valores da Cavalaria e os valores da Igreja, desonrava a ética cavaleiresca e violava gravemente os preceitos cristãos de humildade, bondade, amor ao próximo, confissão, penitências e jejuns para a remissão dos pecados e, principalmente, não se arrependia dos males cometidos.” (SOUZA, 2011, p. 190).

É possível traçar paralelos entre os valores presentes nas ordens de cavalaria, principalmente templários, e os valores apresentados e atribuídos aos cavaleiros da demanda, revelando assim uma ligação entre o mundo real e ficcional; as duas buscas se encontram e se equivalem. Além disso, a literatura se torna responsável por reavivar o espírito cruzadístico nos guerreiros:

Neste sentido, é possível traçar um paralelo entre as duas buscas que moveram o imaginário medieval: a procura ficcional pelo Santo Graal e a procura real pelo Santo Sepulcro, a que se dedicou à cristandade desde o final do século XI. [...] Uma pertencente ao mundo real, a outra ao imaginário; que transformou em Tradição Épica os sucessos da primeira

expedição, ao mesmo tempo em que purga os fracassos sucessivos das campanhas posteriores (SILVA, 2011, p. 41).

As disputas no âmbito da atividade guerreira, suas funções e limites, envolvia também os novos grupos urbanos, que tentaram participar da vida cavaleiresca, porém, a partir do século XII, a nobreza inicia processos de fechamento e elitização da cavalaria. As celebrações cavaleirescas começaram a se tornar parte somente da vida dos nobres, sendo obrigatória a comprovação da origem para acesso à cavalaria, criando assim uma distinção social entre cavaleiros e burgueses:

Neste sentido é que foram elaborados desde este período os manuais de comportamento cavaleiresco na corte, ensinando como os cavaleiros deveriam se portar à mesa e como tratar as damas, a cortesia.

[...]

Já outros grupos sociais eram ridicularizados nas obras literárias, especialmente o camponês, “vilão”, visto como desprovido de sentimentos, assim como os comerciantes e banqueiros eram apresentados como desprovidos de boa educação, coragem, valentia e honra, todos estes atributos associados ao modo de viver em corte e essencialmente relacionados à nobreza. (ZIERER, 2013, p. 215).

Nota-se que desde tempos anteriores à cavalaria clássica os guerreiros à cavalo possuíam prestígio em seus grupos, e isso irá se ampliar com o passar do tempo. O que antes parecia ser uma prática mais aberta a todos os guerreiros, vai se restringindo, e com a chegada do século XIII, torna-se uma instituição apenas para nobres, sendo vetada a participação de qualquer guerreiro de camada mais baixa. Ramon Llull (s. XIII) apresenta as razões para essa elitização da cavalaria em “O livro da ordem de cavalaria”:

Tão alta e nobre é a ordem da cavalaria que não bastou à ordem que o homem a fizesse das mais nobres pessoas; e possuir as bestas mais nobres e as armas mais honradas; porque também foi conveniente converter a estes homens que formam a ordem de cavalaria se fizessem senhores das gentes. E porque no senhorio há tanto de nobreza, e na servidão tanto de submissão, se tu, que toma a ordem de cavalaria, fores vil e malvado, poderás pensar qual injúria fazes a todos os teus vassallos, e também a todos companheiros que são bons, porque pela vileza em que estás, deverias ser súdito, e pela nobreza dos cavaleiros que são bons, és indigno de ser chamado cavaleiro⁷ (LLULL, 1986, p.5).

⁷ Tradução livre nossa: *Tan alto y tan noble es el orden de caballería, que no le basta estar formado de las personas más nobles, y que posea las más nobles bestias y las armas más honradas; porque también ha sido conveniente convertir a estos hombres que forman el orden de caballería en señores de gentes. Y puesto que el señorío tiene tanta nobleza, y la servitud tanto sometimiento, si tú, que tomas orden de caballero, eres vil y malvado, ya puedes pensar en la gran injuria que cometes contra tus vasallos, y también contra tus compañeros buenos. Porque por la vileza en que te hallas, deberías estar sometido; y por la nobleza de los caballeros que son buenos caballeros, tú eres indigno de ser llamado caballero.*

O filósofo ainda faz outras considerações onde reforça a tripartição social em que cada um ocupa o estamento designado pelo deus cristão, considerando que alterar tal lógica seria justamente confrontar o criador. O cavaleiro do mundo real já se distanciava bastante das gentes comuns, o da literatura era um cavaleiro totalmente inalcançável.

A literatura medieval é vasta e constitui-se em um conjunto riquíssimo de histórias e canções divididas em vários estilos, como a hagiografia, as canções de gesta, os romances de cavalaria, além de toda uma cultura oral riquíssima que era difundida por bardos e trovadores. A voz e entonação eram fundamentais para a divulgação das histórias e aventuras cavaleirescas, já que uma história bem cantada fomentava paixões e despertava interesse nos que ouviam, afinal, grande parte das pessoas não tinham acesso ao texto escrito, só tomando conhecimento das histórias desse universo imaginário a partir de cancioneiros.

Mas, como aponta Michel Zink(2002), na Idade Média a literatura está também associada ao domínio da escrita e ao *status* de quem a produz e a ela tem acesso:

[...] refere-se igualmente a uma aptidão, a da escrita, a um saber, o que é comunicado pelos textos e, por último, a um estatuto social, o do clérigo oposto ao leigo ou, no fim da Idade Média, o do letrado oposto ao da “gente simples”

[...]

Sem dúvida, existe na Idade Média uma consciência de atividade literária em seu conjunto e em sua especificidade, consciência também de um *corpus* literário. Isso é visível no latim e no olhar lançado às letras antigas. Compreende-o a palavra *litterae*, no sentido de “cultura literária” (p. 90 - 91).

A literatura escrita medieval possui um simbolismo riquíssimo, obras que sobreviveram ao tempo e que comunicam aos contemporâneos parte da experiência cultural medieval. Há que destacar as hagiografias e os romances de cavalaria com a exaltação do amor cortês. O primeiro trata diretamente da vida dos santos e da valorização da pureza e obediência à Igreja, o segundo trata das paixões e entrega aos amores, além das buscas individuais dos cavaleiros.

As canções de gesta reúnem características de ambos, uma das mais famosas do medievo, a Canção de Rolando, trata de uma narrativa de uma batalha, assim como tantas outras muito comuns no universo cavaleiresco, porém, exalta a figura do sobrinho de Carlos Magno, Rolando, um protetor da fé contra os pagãos:

Um conde Rolando realmente morreu com outros, em 778, vítima de uma emboscada feita à hoste franca pelos bascos aliados dos sarracenos. E ele não foi vingado. Aí está, sem dúvida, a causa da formação de uma "memória" heroica, ou seja, de uma lenda da qual a canção do século XII provavelmente não trai o espírito, mesmo o acomodando, em diversos aspectos, ao ano 1100, quando trata do manejo da lança ou do ganho da indulgência cristã.

Assim, o “personagem” Rolando é atraído em direção ao perfil de mártir pela influência de canções de santos, como as que desde os anos 880 são o início, ao que parece, da literatura francesa. (BARTHELEMY, 2010, p 465)

A literatura escrita é um amálgama de práticas e ideias que unem as aspirações mundanas dos cavaleiros em vivenciar aventuras e gloriosas batalhas, com práticas ligadas ao cristianismo e às Cruzadas para defender a fé católica. No século XII a popularidade da literatura cortesã é enorme, estando ligada às vitórias e glórias conquistadas pela cavalaria nas Cruzadas. Porém, com a chegada do século XIII e as diversas derrotas da nobreza guerreira, além da perda de espaço político para a burguesia, a literatura se torna instrumento para inspirar novamente cavaleiros e reavivar o espírito da Guerra Santa.

O “Livro da ordem de cavalaria”, de Llull, a Demanda do Santo Graal, assim como outras obras serviam como manual da boa cavalaria e inspiravam os guerreiros para uma vida mais cristã, além de defender outros interesses, como aponta Zierer;

As ações violentas no século XIII, como, por exemplo, a busca de terras por nobres secundogênitos através de guerras privadas, colocavam a sociedade em risco. Daí o ideal do cavaleiro totalmente voltado à defesa do cristianismo, representado pelo cavaleiro ideal proposto por Llull e por Galaaz, na Demanda, como um elemento importante da conservação das estruturas sociais. (2013, p. 216)

Os elementos cristãos estão fortemente presentes nesse estilo, educando os indivíduos para uma conduta julgada mais correta, sendo a literatura importantíssima para a obra cristã. A historiadora Neila Matias de Souza (2011) buscou demonstrar como a literatura escrita voltada ao mundo cavaleiresco, constrói um padrão de inspiração para o comportamento do cavaleiro, informando também a Igreja se beneficiou dele, por exemplo, no combate aos saques de seus bens e terras, além de conduzir e inspirar homens a buscar aventuras no Oriente através das Cruzadas.

Na literatura prevalecem dois tipos de cavaleiros, o mundando, inspirado pelo amor cortês, que vive paixões perigosas, busca riquezas e glórias, participando de torneios para ampliar a sua própria imagem e fama, e o cavaleiro celestial, que busca utilizar da cavalaria para a glória e propósitos do deus cristão; a DSG se torna o palco de disputa e apresenta os dois perfis.

CAPÍTULO 2

Modelando as masculinidades

Como apresentado anteriormente, a literatura é uma fonte privilegiada para os estudos de temas e objetos pouco perceptíveis em outras fontes. Retomando Le Goff (1994), o imaginário é uma dessas características construídas na literatura, e que comporta tanto paixões, sonhos e fenômenos sociais, quanto uma representação idealizada da sociedade. Schmitt (2007) complementa mostrando que imaginário é uma construção coletiva, uma realidade partilhada por atores sociais, sonhos coletivos que garantem coesão e uma identidade comum. Documentos literários são fontes privilegiadas para ter acesso aos “sonhos coletivos”, uma vez que as narrativas criadas não possuem necessariamente relação com fatos e acontecimentos, mas abraçam uma representação idealizada da sociedade a partir da visão dos autores. Na literatura medieval é possível observar um mundo permeado de sonhos dos mais variados, no caso da literatura cavaleiresca, de sonhos de bravura, de coragem e heroísmo, material riquíssimo para estudar as construções de gênero e suas *performances*.

Mesmo em se tratando de uma categoria contemporânea, todas as sociedades ao longo do tempo, de maneira consciente ou inconsciente, produziram atribuições e papéis aos gêneros, tendo em vista que: “O gênero é uma identidade tenuemente constituída no tempo, instituída num espaço externo por meio de uma repetição estilizada de atos.” (BUTLER, 2003, p.200). Assim, o produto dessa repetição dos atos e papéis atribuídos a um gênero gera uma *performance*, para esclarecer, as masculinidades são um produto da *performance* do gênero masculino no mundo, sendo assim, não foge das regras apresentadas ao produtor, ou seja, tanto o gênero quanto a *performance* dele mesmo são construídos a partir de relações e elos arbitrários determinados socialmente e historicamente, logo, todas as relações e convivência social entre indivíduos constroem atribuições a cada gênero (BUTLER, 2003, p.200).

As masculinidades, assim como outras questões de gênero, não se limita apenas ao sexo masculino, a construção dessa *performance* atravessa também as questões sobre o feminino e as relações de poder entre os gêneros. Os signos de dominação são reconhecidos tanto pelos dominadores quanto pelos seus dominados, sendo assim, uma das diversas expressões de masculinidade se dá a partir da subordinação do feminino ao masculino, através de uma violência simbólica construída a partir da linguagem e comunicação (BOURDIEU, 2012, p.7-8).

A masculinidade - ou as masculinidades, visto ser plural - se apresenta como um campo de estudo amplo e diversificado, sendo necessária a compreensão de fatores históricos, sociais, políticos, etc, abraçando aspectos diversos e não se limitando apenas à categoria do gênero masculino. É uma categoria fluida e que constrói respostas diversas para as perguntas apresentadas no cotidiano de uma sociedade. Quando se reflete sobre masculinidades medievais, é necessário compreender os elementos cristãos que permeiam as construções do masculino e do feminino.

Ruth Mazo Karras aponta em seu livro *“From boys to men: Formations of masculinity in late medieval Europe”* a complexidade do estudo das masculinidades medievais por serem comportamentos distintos de acordo com os diferentes ambientes, como o da corte, da universidade e das oficinas urbanas, cada um produzindo certo tipo de masculinidade. (KARRAS, 2003, p.17).

Segunda a autora, a masculinidade apresentada na corte estaria ligada ao poder político e militar da nobreza; já a que se apresenta na universidade estaria ligada ao conhecimento aprofundado e ao domínio intelectual exercido principalmente pelo clero, por fim, a masculinidade que se apresenta nas cidades estaria ligada à burguesia e ao poder econômico produzido nas oficinas. Ou seja, as instituições medievais influenciariam na produção de respostas quanto ao comportamento masculino, e de acordo com as relações que cada homem possuía com tais instituições. Sem desconsiderar as grandes semelhanças de comportamento e de demonstração de masculinidade entre os homens de cada grupo social, a autora observa também que há diferenças no interior dos grupos. (KARRAS, 2003, p.17 -19).

Dentre os aspectos compartilhados por essas masculinidades, a autora destaca “uma característica central da masculinidade medieval, compartilhada pelos três diferentes modelos [...] é a necessidade de testar a si mesmo em competição com outros homens e de dominar os outros.” (KARRAS, 2003, p. 10)⁸

Este estudo se concentrará no entendimento da masculinidade de corte, precisamente a que está relacionada aos cavaleiros, num contexto de guerras e disputas políticas, e guiado pelos elementos de masculinidade da instituição da cavalaria e suas ordens:

A masculinidade na Idade Média pode parecer relativamente simples. Afinal, esse é o período que deu à cultura ocidental muitas de suas convenções de heroísmo e cavaleirismo. Certamente, o homem ideal para a época era o Cavaleiro de Armadura Brilhante. Estudos masculinos recentes, em sua breve introdução histórica, definem a masculinidade medieval desta forma: o modelo medieval dominante de masculinidade, o “homem cavaleiresco”,

⁸ Tradução livre nossa: *one core feature of medieval masculinity, shared by the three different models discussed in this book, it's the need to prove oneself in competition with other men and to dominate others.*

ênfatiou “auto-sacrifício, coragem, força física, honra e serviço à dama, e primogenitura”. (KARRAS, 2003, p. 2)⁹

A vocação guerreira cavaleiresca é desde muito cedo construída entre os jovens da nobreza; entre os doze e os catorze anos ele é inserido no meio da cavalaria e no treinamento militar. Como aponta Karras, ao se tornarem cavaleiros, concluem o ciclo, sendo inseridos totalmente na sociedade dos homens (KARRAS, 2003, p.14-15). Este modelo gera um tipo de masculinidade que chamaremos de masculinidade guerreira. A idade que melhor apresenta essa masculinidade é a que antecede o casamento: o homem é ainda jovem com uma vida repleta de aventuras que darão sentido à sua existência. Ao se tornar mais velho, o cavaleiro procura se assentar, podendo abrir caminho à possibilidade de uma última busca, a de um bom casamento. Após anos buscando fama e riquezas, o cavaleiro deveria procurar uma dama de alta posição para torná-la sua esposa:

De acordo com a literatura didática, a transição dessa fase juvenil, entre os vinte e trinta anos, era seguida pelo casamento. Uma vez casado, o homem chefia sua família; seus dias de peregrinação - seja como cavaleiro errante, viajante ou estudioso andarilho - em teoria tinham acabado. Esta idade relativamente tardia de casamento para os homens concorda com o que as evidências demográficas sugerem. A idade do casamento das mulheres variou muito na Europa na Baixa Idade Média, mas a idade de casamento dos homens, até onde podemos afirmar, tendia a ser tardia na maioria das regiões e grupos sociais (KARRAS, 2003, p. 16).¹⁰

O casamento é uma instituição importante para o coroamento da masculinidade medieval guerreira, tendo em vista que era o objetivo final da vida do cavaleiro, enquanto que para as mulheres que não entravam para a vida religiosa era imputado como objetivo primário. Constatase assim o controle dos homens sobre as mulheres mais jovens; controle do pai, ou alguém em seu lugar, e posteriormente do marido. Conquistar um bom casamento era fundamental para todos cavaleiros, pois muitas vezes não possuíam riquezas por se tratar

⁹ Tradução livre nossa: *Masculinity in the Middle Ages may seem relatively straightforward. This is the period, after all, that gave Western culture many of its conventions of heroism and chivalry. Surely the ideal man of the age was the Knight in Shining Armor. A recent Men's studies textbook, in its brief historical introduction, defines medieval masculinity this way: the dominant medieval model of masculinity, the "chivalric male", stressed "self sacrifice, courage, physical strength, honor and service to the lady, and primogeniture".*

¹⁰ Tradução livre nossa: *According to the didactic literature the transition out of this youthful stage, in the mid-twenties to thirties, accompanies marriage. Once married, the man heads his household; his roaming days - whether as knight-errant, traveling journeyman, or wandering scholar - are in theory over. This relatively late age of marriage for men agrees with what the demographic evidence suggests. Age at marriage for women varied greatly across later medieval Europe, but age at marriage for men, as far as we can tell, tended to be late in most regions and in most social groups.*

de filhos da nobreza que não recebiam herança dos pais, já que quase todos os bens ficavam com o primogênito.

O casamento é o meio de um homem se tornar senhor e conquistar notoriedade. Não se pode esquecer as características e finalidades do casamento cristão para as relações sociais. A herança de linhagem, assim como a herança de bens e riquezas, possui forte importância social, uma vez que a cavalaria, no século XIII, estava acessível somente aos nobres e aos que possuíam alta linhagem em seu sangue, como observa Lull:

Herança e cavalaria se convêm e se concordam, porque herança é a antiguidade da linhagem, uma honra ancestral; e cavalaria é ordem e regra que começaram na antiguidade e perdura até hoje. Por isso, se fazes cavaleiro homem que não seja de herança, tu serás inimigo da herança e cavalaria naquilo que fazes, tornando-os opostos e pelos mesmos motivos que o cavaleiro será contra a herança e a cavalaria. E se ele for feito cavaleiro, o que será ele? Em que termina a cavalaria?¹¹ (LLULL, 1986, p.14).

A boa linhagem para a cavalaria era a fama passada de pai para filho, mesmo em se tratando filhos bastardos, os quais podem ser grandes guerreiros e possuidores de grande fama. No texto analisado, tais características estão em Galaaz, considerado o “melhor cavaleiro do mundo”, portador também de uma boa linhagem por ser filho de Lancelot “confirma seu valor por uma linhagem guerreira respeitada por todo o reino de Logres, a linhagem do rei Bam”. E com isso também é portador de características de santidade e perfeição que é justificado por seu “valor por sua descendência espiritual (rei Davi, José de Arimatéia)” (SOUSA, 2011, p.20).

Além da formação de novas famílias e alianças políticas, o matrimônio se revela também como um instrumento para a imposição das vontades masculinas sobre as mulheres. Estas pouco podiam decidir sobre seus futuros, sendo, como ressalta Karras, apenas instrumentos dentro das lógicas de organização do mundo que passam pela masculinidade:

No final da Idade Média, a principal forma de um menino estabelecer sua masculinidade adulta era testando-se e provando-se contra outros homens. As mulheres eram instrumentos frequentemente usados nessa demonstração. As mulheres não apenas avaliavam a competição dos homens entre si, mas mediavam o amor uns pelos outros. A troca de mulheres pode ser uma medida de vínculo masculino; assim, poderiam amar uma mesma mulher. Os

¹¹ Tradução livre nossa: *Pariaje y caballería convienen y concuerdan. Porque pariaje es antigüedad de linaje, en honor antiguo; y caballería es orden y regla que comenzó con ese tiempo antiguo y perdura hasta hoy. Por esto mismo, si armas caballero a quien no es de pariaje, eres al mismo tiempo enemigo de paraje y de caballería, haciéndolos contrarios y por lo mismo al que haces caballero será contra el honor del pariaje y de la caballería. Y si el tal es hecho caballero ¿qué es? ¿En qué viene a parar caballería?*

homens podem demonstrar sua conformidade de gênero perseguindo ostensivamente as mulheres e declarando amor por elas, bem como oprimindo-as. Mas eles não se definiam por sua relação para com as mulheres da mesma forma como se definiam para com outros homens. (KARRAS, 2003, p. 11)¹²

As mulheres são postas como instrumentos no centro das disputas entre homens e no estabelecimento dos sujeitos enquanto portadores de masculinidade ideal, a busca por um bom casamento entre um cavaleiro e uma dama era marcada pelo poder masculino, seja como cavaleiro que nos torneios busca evidenciar sua imagem, seja como chefe de família, com autoridade de conduzir a vida de uma mulher de acordo com seus desejos.

Em oposição ao apresentado, surgem os jogos de amor cortês, exaltados na literatura romântica, que coloca a mulher como detentora de um enorme poder sobre o homem/cavaleiro, que é colocado à prova em diversos momentos, e que cegamente obedece a sua dama. Apesar de ser uma imagem muito significativa e poderosa sobre a figura feminina, a dama, dentro dos jogos de amor reproduz o controle masculino, uma vez que o cavaleiro não está simplesmente se subordinando a ela pela necessidade e obrigação de fazê-lo, mas demonstrando seu poder de conceder à dama o comando da situação. Karras faz algumas observações:

O apelo às mulheres e o sucesso no jogo do amor eram uma forma de melhorar o status de alguém em relação a outros homens, provando seu futuro potencial para a paternidade. Não se demonstra masculinidade casando, mas a demonstração de masculinidade pode colocar uma pessoa em posição de se casar e, assim, reproduzir sua masculinidade. (KARRAS, 2003, p. 57)¹³

A literatura cavaleiresca é fundamental à masculinidade guerreira, uma vez que exaltava a figura do cavaleiro e constrói todos os jogos de amor e de poder entre as damas e seus pretendentes. As paixões despertadas nas narrativas não se limitavam às páginas escritas, o imaginário construído pela literatura não só reforçava idealizações, mas satisfazia desejos reais muitas vezes proibidos.

¹² Tradução livre nossa: *In the later Middle Ages the primary way by which a boy established his adult masculinity was by testing himself and proving himself against other men. Women were often tools used in that demonstration. Women not only measured men's competition with each other; they also mediated men's love for each other. The exchange of women could be a measure of male bonding; so could love the same woman. Men might demonstrate their gender conformity by ostentatiously pursuing women and declaring love for them, as well as by oppressing them. But they did not define themselves by their relation to women as much as by their relation to other men*

¹³ Tradução livre nossa: *The appeal to women, and success in the love game, was a way of improving one's status vis-a-vis other men by proving one's future potential for fatherhood. One did not demonstrate manhood by marrying, but the demonstration of manhood could put one in a position to marry and thus reproduce one's manhood.*

As relações entre cavaleiros e suas damas era de fato muito ambígua, ao mesmo tempo em que a mulher era colocada na posição de poder e dominação, era também subjugada e dominada pelos homens. É possível perceber as tensões que marcavam os relacionamentos e conflitos entre damas e cavaleiros também na DSG, porém Karras alerta para o cuidado que se deve ter, pois a literatura se encarrega do imaginário, e por isso demonstraria apenas um comportamento masculino idealizado pelos homens, e não necessariamente o comportamento real cavaleiro, comportamento este marcado pela violência:

A violência como característica central da masculinidade obviamente se limita à aristocracia medieval. Pierre Bourdieu dificilmente está sozinho quando generaliza que “a masculinidade deve ser validada por outros homens, em sua realidade como violência real ou potencial, e certificada pelo reconhecimento de pertencimento ao grupo de ‘homens reais’”. É muito mais proeminente, entretanto, em alguns contextos históricos do que em outros. No final da Idade Média, a violência era a forma de expressão masculina dentro da cavalaria, enquanto na universidade os homens lutavam com armas verbais e na oficina de artesanato com as econômicas. (KARRAS, 2003, p.21)¹⁴

A autora deixa claro que a violência era principalmente empregada pela cavalaria, evidenciando também a mutabilidade do controle e da masculinidade sobre as mulheres, em que se adapta e toma contornos em cada contexto social. Episódios de violência contra as mulheres, principalmente violência sexual, são recorrentes na DSG. Na narrativa há diversos episódios em que cavaleiros buscavam concretizar seus desejos através do abuso sexual de donzelas, um episódio muito explícito é quando Morderete pratica tal ato. A história conta que Morderete caminhava pela floresta e encontrou uma donzela acompanhada por um cavaleiro e também um escudeiro, ambos irmãos dela:

E assim que viram Morderete desarmado, logo perceberam que era cavaleiro andante. E logo que chegaram a ele, saudaram-no, e ele a eles, mas muito contrariado, como quem era de má vontade e muito vilão. E depois que passaram por ele, disse ele:

- Que mal fiz agora que não peguei aquela donzela e não fiz nela meu prazer! E se eu fosse cavaleiro como me dizem, não me escaparia assim. Então voltou muito rápido e foi à donzela, e pegou-a pelo freio e disse-lhe:
- Donzela, tornar vos convém, e ir comigo, que assim me aprazo
- Por Deus, disse ela, não irei, se Deus quiser, que nunca entre mim e vós houve por que o deva fazer.
- Por Deus, disse ele, ireis, queirais ou não.

¹⁴ Tradução livre nossa: *Violence as a central feature of masculinity is, of course, by no means limited to the medieval aristocracy. Pierre Bourdieu is hardly alone when he generalizes that “manliness must be validated by other men, in its reality as actual or potential violence, and certified by recognition of membership of the group of ‘real men’”. It is much more prominent, however, in some historical contexts than others. In the late Middle Ages, violence was the mode of masculine expression within knighthood, while in the university men fought with verbal weapons and in the craft work-shop with economic ones.*

E puxou-a pelo freio para levá-la à força. (DSG, 1988, n.p)

O gatilho despertado em Morderete surge a partir de um simples ato de cortesia muito comum na época, e por mais que o cavaleiro possuísse alta posição e devesse seguir as normas de cortesia, naquele momento se comportou como um comum, diz a narrativa, um vilão do qual não se espera cortesia. Fica evidente também como Morderete tem consciência da sua posição de dominação na sociedade, e por isso poderia gozar de alguns privilégios, como ter todas as donzelas disponíveis ao seu prazer. Para tanto, faz uso da força física, uma vez que, para tomar a donzela é necessário assassinar os dois irmãos. Segue a narrativa após o ataque:

E depois foi à donzela e derrubou-a do palafrém, e levou-a a umas moitas, que havia perto dali e despiu a loriga. E ela, que nunca tivera marido e se viu a ponto de ser desonrada, se Deus não a socorresse de algum modo, chorava e fazia lamentos e dizia, na mais alta voz que podia: - Valia! Valia! E quando ele viu que gritava assim, feriu-a e fez-lhe quantos escárnios pôde e pegou-a pelos cabelos e arrastou-a para um atalho e desonrou-a o pior que pôde, como quem era um dos bravos cavaleiros do mundo. (DSG, 1988, n.p)

A brutalidade explícita mostra justamente como a violência era facilmente empregada pelos cavaleiros para realizar seus desejos. Toda a situação se encerra com a chegada do Rei Bandemaguz, que se aproxima e escuta a donzela chamando e vai ao seu socorro:

E o rei, que era muito cortês e de muito boa vontade, rogou a Morderete, por Deus e por cortesia, que não fizesse mais mal à donzela. Quando ela viu o cavaleiro, gritou-lhe:

- Ai, cavaleiro bom, por Deus e por tua honra, tira-me das mãos deste desleal cavaleiro, que me matou dois irmãos e me quer possuir à força.

- Como? donzela, disse Bandemaguz, não sois sua?

- Assim Deus me ajude, senhor, disse ela, nunca o vi, nem ele a mim, a não, ser hoje, que eu saiba.

- Ai! Cavaleiro, disse o rei Bandemaguz, diz ela a verdade?

- Ainda que diga verdade, disse Morderete, o que tendes a ver?

- Tenho tanto a ver, disse rei Bandemaguz, que se nela mais meteis mão até que eu saiba a razão, vos achareis mal.

- Quão pouco agora temo vossas ameaças! disse Morderete. Por boa fé, por este despeito, diante de vós a matarei.

E tomou logo a espada, e deitou-lhe a cabeça longe, e disse:

- Dom cavaleiro, ora podeis ver o medo que de vós tenho, e se não fôsseis vós, não morrera ela. (DSG, 1988, n.p)

O episódio é carregado de simbolismos e representações de masculinidade guerreira, além dos já apresentados, a violência e a posição social como meio de obter privilégios, são apresentadas evidências do tratamento que as mulheres poderiam receber no período. O rei somente tomará alguma atitude após confirmar, que a donzela não era de posse do cavaleiro, ou seja, sua esposa.

Pierre Bourdieu em seu texto “A dominação masculina” aborda o tema da sexualidade e a violência, demonstrando que a construção do poder masculino e das masculinidades se dão a partir do controle e dominação dos corpos femininos através de atos sexuais, sendo assim, as mulheres são parte dos instrumentos de demonstração de poder masculino: “As manifestações (legítimas ou ilegítimas) da virilidade se situam na lógica da proeza, da exploração, do que traz honra”, tendo em vista que as masculinidades necessitam da demonstração contínua entre os pares, possuir corpos femininos através do ato sexual é um exercício de poder e confirmação da posição de dominação masculina (BOURDIEU, 2012, p.29). E completa:

Se a relação sexual se mostra como uma relação social de dominação, é porque ela está construída através do princípio de divisão fundamental entre o masculino, ativo, e o feminino, passivo, e porque este princípio cria, organiza, expressa e dirige o desejo — o desejo masculino como desejo de posse, como dominação erotizada, e o desejo feminino como desejo da dominação masculina, como subordinação erotizada, ou mesmo, em última instância, como reconhecimento erotizado da dominação (2012, p.31).

O episódio de Morderete não está isolado na DSG, o uso da força em atos sexuais é praticado por outros cavaleiros, mais ou menos cortesões, dentro da história. O próprio rei Artur, sendo uma das grandes figuras de nobreza, que carrega sacralidade e cortesia, utiliza desta prática. Apesar de Zierer observar que mediante a “conduta dos homens em relação ao sexo feminino, é possível observar se eles eram bons ou maus cavaleiros” (ZIERER, 2013, p. 153), percebemos certa tolerância para com esses atos. Por outro lado, não podemos negar que os episódios de violência sexual, apesar de confirmam práticas masculinas toleradas numa masculinidade guerreira, são negadas à masculinidade santa, outro modelo masculino presente na obra.

As relações entre a Igreja e a cavalaria vão se tornando cada vez mais complexas à medida em que esse grupo se fortalecia, considerando que a partir do século XII a cavalaria acumulou prestígio de maneira exponencial a partir das grandes conquistas no Oriente, como já retratado anteriormente, além de ser um grupo muito representativo da nobreza, em disputa constante com o clero.

Diversos manuais de boas condutas e normas para cavaleiros começaram a circular por toda Europa, o cavaleiro que antes era apenas uma força militar, se torna, entre os séculos XII e XIII, um cavaleiro com estilo de vida cortesão, que almeja se alinhar com o estilo de vida de heróis lendários como Lancelot do lago.

A partir do século XIII, com as derrotas no Oriente, se faz necessário reavivar o espírito cruzadístico, difundindo ainda mais pela Europa a ideia do bom cavaleiro alinhado

aos valores cristãos, em detrimento do amor cortês. Como observa Zierer, “Neste sentido, o amor cortês é criticado e a virgindade e a fidelidade aos ideais cristãos são valorizados em algumas obras literárias, numa aproximação dos cavaleiros com o ideal das ordens militares, como os templários”, além de conter a fúria dos guerreiros em guerras privadas, que devastavam as terras da Igreja no continente Europeu. (ZIERER, 2013, p. 5)

A busca por um cavaleiro mais cristão inspira obras como a de Ramon Llull, que visava justamente padronizar o comportamento do cavaleiro e imprimir nos guerreiros um conjunto de virtudes. Na obra analisada, Galaaz é a representação literária do que se esperava do cavaleiro ideal, sendo também um vetor de crítica ao cavaleiro cortês, uma vez que somente ele e seus companheiros, que mantiveram-se longe desse estilo de vida, puderam encontrar o Graal.

O ambiente eclesiástico, que durante a Idade Média foi o ambiente da escrita por excelência, criador de narrativas ligadas aos valores de pureza e santidade, disputou constantemente com o ambiente da corte, criador de narrativas que evocavam o amor proibido dos romances cortesões. Havia a preocupação em remodelar o cavaleiro visando inseri-lo num modelo de obediência e santidade, e afastando-o das mulheres e dos amores luxuriosos:

A lenda do Graal é o lugar mais significativo onde a religião entra no mundo arturiano. O público da Idade Média tardia entendeu a história do Graal como cristã, quaisquer que sejam suas origens, e gerou dúvida sobre a ideia da destreza como a única medida para o cavaleiro. Lancelot, o melhor cavaleiro do mundo, não pode ser o único a alcançar o Graal, porque ele cometeu pecados da carne (notavelmente adultério e fornicação, mas a ênfase na virgindade de Galahad em algumas versões indica que mesmo o sexo conjugal pode levar à desqualificação. (KARRAS, 2003, p.43)¹⁵

A preocupação com a luxúria, ou com o amor cortês se faz presente no início da Demanda, antes mesmo da busca se iniciar. Os cavaleiros deveriam estar dispostos a abrir mão dos prazeres carnis:

Depois disto, mandou o rei chamar a rainha e as donzelas e mulheres que viessem a ele. E depois que chegaram ao paço, cada um dos cavaleiros foi estar com sua mulher ou com sua amante ou com sua amiga. E alguns houve que combinaram com suas amigas de as levarem. E assim aconteceria, se não fosse um velho, que chegou vestido com hábito de ordem, que disse tão alto que todos ouviram:

- Cavaleiros da tábola redonda, ouvi. Vós jurastes a demanda do santo Graal. E Nascimento, o ermitão, vos manda dizer por mim que nenhum cavaleiro desta

¹⁵ Tradução livre nossa: *The legend of Grail quest in the most significant place where religion enters the Arthurian world. Late medieval audiences understood the Grail story as Christian, whatever its origins, and it cast doubt on the idea of prowess as the sole measure of a knight. Lancelot, the best knight in the world, cannot be the one to achieve the Grail, because he has committed sins of the flesh (notably adultery and fornication, but the stress on Galahad's virginity in some versions indicates that even marital sex might have led to disqualification).*

demanda leve consigo mulher nem donzela, senão fará pecado mortal. E não seja tal que nela entre, se não for bem confessado, porque em tão alto serviço de Deus como este, não deve entrar se não for bem confessado e bem comungado e limpo e purificado de todos os danos e de pecado mortal (DSG, 1998, n.p).

O controle da luxúria vai além do combate dos clérigos contra uma conduta errada, é um exercício de controle masculino sobre o feminino. As masculinidades medievais estão muito atreladas ao controle sobre as mulheres, tanto a guerreira, com o uso da força, quanto a masculinidade santa ligada ao clero, fundamentado principalmente no mito da criação do mundo, em que Eva é a responsável pela perdição humana. Todas as mulheres, suas filhas, carregavam a culpa e o estigma de serem parceiras do diabo, sendo necessário afastar-se delas, principalmente os homens bons e puros, pois elas seriam a porta de entrada do pecado e da condenação dos homens. (ZIERER, 2010, p. 145)

As figuras femininas apresentadas na DSG assumem características ambíguas, ao mesmo tempo em que se reconhece o poder feminino, é perceptível como esse poder acaba sendo modulado para reforçar as masculinidades. Os modelos femininos na DSG assumem duas formas, uma pura, de mulher devota a Deus, na figura da irmã de Persival, que possui essa pureza por conta da virgindade e da prática das virtudes cristãs. E um segundo modelo, o predominante, da mulher como instrumento diabólico que leva os cavaleiros à perdição, como pode ser visto em vários exemplos ao longo da história.

Em “A visão do diabo n’a Demanda do Santo Graal”¹⁶, Zierer traz o episódio da besta ladradora, que demonstra essa relação das mulheres com as forças diabólicas. O episódio em questão narra as desventuras da filha do rei Hipomenes, que era vista como uma das mais belas e virtuosas do reino, mas que quando esta chega a idade adulta, se apaixona perdidamente por seu irmão, e busca a todo custo realizar seu desejo sexual. (DSG, 1988, n.p). O irmão resiste as investidas e rechaça as vontades da irmã por ser muito virtuoso e bom cavaleiro. A donzela entra em uma espiral de tristeza e medo e decide ir a um local mais afastado para cometer suicídio, já que seu amor e desejo pelo irmão não seriam concretizados:

Então pegou uma faca que tinha em sua arca e livrou-se de suas donas e de suas donzelas e foi a uma horta de seu pai, numa fonte que lá havia e queria matar-se para sair de sua aflição. E apareceu-lhe o demo em figura de homem tão formoso e tão bem feito que maravilha. E quando viu que se queria matar, disse-lhe: - Ai! donzela, não vos mateis, mas esperai até que fale convosco (DSG, 1988, p. 342).

¹⁶ ZIERER, Adriana. *A visão do diabo n’a Demanda do Santo Graal*. A Religiosidade dos Celtas e Germanos - São Luís: UFMA/ Grafica Santa Clara, 2010.

Nesse momento de vulnerabilidade, o demônio propõe um pacto à donzela: se ela se entregasse a ele, em troca teria o que mais queria, o amor do irmão. Sendo aceito tal pacto, segue a narrativa:

Deste modo entregou seu amor ao demo, e ele deitou com ela, como o pai de Merlim, com sua mãe. E quando deitou com ela, teve ela tão grande prazer, que lhe esqueceu o amor de seu irmão tão mortalmente, que mais não poderia. (DSG, 1988, n.p)

Há que ressaltar que na narrativa esse é um dos poucos episódios onde o sexo é consensual, além do destaque dado ao prazer feminino. Por outro lado, esse “tão grande prazer” a leva a perder o amor a Deus e ao irmão, e a desejar o oposto, a sua morte. Logo, conjuntamente com o demônio, traça e realiza um plano para acusar o irmão de abuso sexual, estando a donzela, antes virgem, agora grávida. Tal como planejado, o irmão acaba preso e julgado, sendo sentenciado pela irmã a uma morte cruel e terrível. No entanto, por se tratar de um cavaleiro que seguia os caminhos de deus e estaria sendo injustiçado, ele se salva, não sem antes rogar-lhe uma praga:

- Irmã, sabes que me fazes morrer por injustiça e que não mereço esta morte de que me fazes morrer; não me pesa tanto pela dor, como pela vergonhosa morte que me fazes ter. Tu me fazes passar vergonha sem merecimento, mas aquele me vingará que toma vingança das grandes vergonhas e das grandes deslealdades do mundo. E ao nascimento do que trazes, aparecerá que não foi de mim, porque nunca de homem e de mulher nasceu tão maravilhosa coisa como de ti sairá; porque diabo o fez e diabo trazes e diabo sairá em figura da besta mais descomunal que nunca se viu. (DSG, 1988, p. 343)

Ao final da narrativa o rei manda prender sua filha em uma torre e aguarda o nascimento da besta, a donzela morre no parto e todos confirmam que de fato era uma criatura com traços demoníacos.

O desejo carnal nesse episódio está repleto de elementos negativos, começando pelo desejo pecaminoso da irmã para com irmão, seguido do próprio ato, não com o irmão puro, mas com o demo, que gerará um ser demoníaco. Galaaz é justamente o oposto de tudo isso, já que encarna valores de pureza, representada em sua virgindade, a qual lhe permitirá combater e vencer a besta ladradora.

Zierer aponta que o episódio é representativo do binómio pecado-mulher, pois une “o apetite sexual exagerado do Demônio e a tendência feminina para pecar”, logo era necessário que os cavaleiros evitassem a todo custo o contato com as mulheres e o desejo sexual. (ZIERER, 2010, p.145). Na narrativa, o sexo deve ser sempre evitado, uma forma de manter a cavalaria pura e livre dos pecados.

O pecado carnal está vinculado constantemente à violência e a desonra. Na DSG há um episódio vivenciado por Leonel de Guanes, um dos grandes e famosos cavaleiros da Távola Redonda, que andava por uma floresta e encontra duas tendas armadas em um campo aberto, ambas muito vistosas e com elementos que demonstravam a riqueza do proprietário. Como de costume, o cavaleiro para no local para repousar e comer, encontrando uma dama no interior da tenda que está esperando que seu marido e seu sogro voltem de uma caçada. A mulher inicia os ritos cortesês de recepção ao cavaleiro servindo-lhe alimentos e ouvindo suas histórias e aventuras.

E eles nisto falando, eis que vêm o marido da mulher e seu pai que vinham para as tendas. E quando viu o cavaleiro armado dentro da tenda, e que tinha a mulher tão alegre, ficou com isso muito espantado, e teve tão grande pesar, que não soube o que fizesse nem o que dissesse. E afastou-se e começou a pensar muito à maravilha. E o pai que o viu assim pensar, perguntou-lhe:

- Filho, o que tens?

- O que tenho? disse ele: não vedes a minha mulher desleal e traidora, que fez aqui vir um cavaleiro estranho, para me escarnecer, enquanto fomos andar por esta floresta? Agora fez já o cavaleiro quanto quis nela, visto que de novo já tomou suas armas, para nos fazer parecer que não veio aqui por nenhum mal.

- Por Deus, filho, disse o pai, bem cuidado que dizes verdade. Agora faze quanto tiveres no coração, porque eu o louvo.

- Eu não sei, disse o filho, como me possa vingar melhor deles que de os matar. Matarei primeiro a ela, que o fez aqui vir. E depois a ele, que veio aqui para meu mal. [...] Então meteu mão à espada e foi diretamente às tendas, e disse à mulher antes que ela pudesse lhe dizer algo:

- Vós me escarnecestes e eu vos escarnecerei, porque o merecestes.

Então ergueu a espada e cortou-lhe a cabeça, e disse a Leonel:

- Isto fiz para vossa desonra, porque me fizestes escárnio da pessoa do mundo que eu mais amava; e vos farei escárnio na pessoa do mundo que mais amais, em vosso corpo. Guardai-vos de mim, porque não há nisso senão morte. (DSG, 1988, n.p)

Ao ser acusado pelo marido, Leonel é forçado a defender tanto sua integridade física quanto a sua honra por se tratar de uma acusação falsa. A proteção da honra a partir da força é obrigação primeira do homem, cabendo também a sua esposa defender a honra do marido. Miriam Pillar Grossi observa que para a legitimidade das masculinidades a mulher deve ser controlada, já que as possíveis justificativas para a quebra dos acordos matrimoniais, como por exemplo uma traição, causaria desonra direta ao homem, que não teria cumprido seu papel de controle sobre a mulher. (GROSSI, 2006, p. 12).

A honra está muito vinculada à irmandade da cavalaria, o poeta Lull destaca justamente o compartilhamento da honra por todos os membros da Ordem de Cavalaria, pois o *status* de cavaleiro não era dado a qualquer pessoa: “Se os homens que não são cavaleiros são obrigados a honrar cavaleiro, quanto mais cavaleiro é obrigado a honrar a si mesmo e seu

par cavaleiro!”¹⁷ (LLULL, 1986, p.27). O poeta reconhece que o prestígio da cavalaria demandaria um esforço coletivo de responsabilidade de todos.

Assim como outros elementos ligados à masculinidade guerreira, a honra é mantida e zelada com o uso da força, ela deve ser provada em combate contra outros cavaleiros, nunca se devendo recusar o conflito. Galaaz, por exemplo, apesar de ser o “melhor cavaleiro do mundo”, acaba sendo ridicularizado por Galvão, Morderete e Agravaim, justamente por se recusar ao combate quando demandado por eles. Galaaz reconhece que esses são cavaleiros da Távola Redonda, e por isso honra seu juramento e evita o combate, porém se torna alvo de escárnios, sendo acusado de covardia por recusar o combate mesmo após ser revelado seu nome:

E quando Morderete ouviu que aquele que ia com eles tinha nome Galaaz, persignou-se da maravilha que houve e disse a seus irmãos:

- Que faremos? O muito bom cavaleiro que deve dar cabo das aventuras do reino de Logres se chama Galaaz e traz tal escudo como este, e pode ser que seja este.

- Não, disse Agravaim, verdadeiramente, crede que não é este, porque muitos cavaleiros têm nome Galaaz e muitos trazem armas de mesmas insígnias.

E os outros dois concordaram com ele. Assim falando foram pelo meio do castelo até que chegaram à maior fortaleza e desceram; e sabei que foram muito bem recebidos os três irmãos, quando souberam de qual linhagem eram, mas Galaaz foi pouco honrado e pouco servido; e não houve quem não o desprezasse muito e não cuidasse que deixara a justa por covardia (DSG, 1988, n.p).

Galaaz mantém sua honra e não ataca seus irmãos de Távola Redonda, porém é uma honra que somente o narrador conhece, uma vez que para os cavaleiros ele não provou sua habilidade com armas e coragem, logo seria desonrado. Galaaz encarna, ao longo de toda a narrativa, as características que o fazem merecedor do título de “melhor cavaleiro do mundo”, aquele que irá encontrar o Graal. Já em sua apresentação, no início do livro, fomos informados da alta importância e dos atributos de Galaaz:

E sabei que quantos lá estavam agradavam-se de sua aparência; e não era maravilha, porque naquele tempo não se podia achar em todo o reino de Logres donzel tão formoso e tão bem feito; porque em tudo era tal que não se podia achar nada em que o censurasse, exceto que era meigo demais em seu modo de ser (DSG, 1988, n.p).

As características que o configuram como grande cavaleiro são reveladas ao longo do texto, porém o fato de Galaaz ser filho de Lancelot do Lago já lhe confere grandes

¹⁷ Tradução livre nossa: *Si los hombres que no son caballeros vienen obligados a honrar al caballero, ¿con cuánta más razón el caballero viene obligado a honrarse a sí mismo y a honrar a su par, es decir, al caballero!*

habilidades. Outro ponto a destacar é a menção à beleza do cavaleiro; tudo que é mais próximo a deus e à santidade são retratadas como mais belas e perfeitas, já que seriam seu espelho. Por fim, uma característica que chama atenção em Galaaz é ser “meigo demais em seu modo de ser”, o que poderia torná-lo vulnerável, justamente por não ser esta uma característica própria da cavalaria, sendo, porém, mais próxima da santidade. Por outro lado, essa é uma característica mais aceita nos cavaleiros da literatura cortesã, já que o cavaleiro cortês deveria se comportar com elegância e educação.

Galaaz não reproduz o comportamento de violência da masculinidade cavaleiresca, ele encarna a figura de cavaleiro de Cristo, é um modelo de cavaleiro santo, afastado das práticas e buscas mundanas. O episódio em que a donzela se apaixona por Galaaz (DSG, 1988, n.p), demonstra como a expressão da masculinidade do cavaleiro é diferente da dos demais, visto que muitos em seu lugar se aproveitariam de sua posição, demonstrando virilidade e tendo relações com a donzela. No entanto, Galaaz busca a todo custo manter sua virgindade, somente se dispondo a realizar o ato sexual se fosse para impedir que a donzela cometesse suicídio. (DSG, 1988, n.p). Tal gesto é muito significativo, já que aproxima Galaaz do corpo clerical, sendo também considerado o maior dos cavaleiros.

Por ser Galaaz o cavaleiro ideal, ele reproduz atitudes de uma masculinidade santa, aquela que pode renunciar aos prazeres mundanos por um objetivo maior. Com a prática das orações, mantém o código de honra da cavalaria a qualquer custo. Porém, Galaaz encarna também algumas outras características que são próprias da masculinidade guerreira, aquela que associa a coragem e a bravura à violência, ao domínio das armas e das técnicas guerreiras. Um episódio muito representativo é o combate entre Rei Mars e o Rei Artur, quando a cidade de Camelot está sitiada por milhares de homens da Cornualha e a única saída é enviar mensageiros pelo reino para pedir ajuda aos cavaleiros simpatizantes de Artur. A notícia chega a Galaaz, Palamades e Artur o Pequeno, que imediatamente seguem para a cidade. Se esperam grandes feitos de Galaaz, já que é o escolhido, e ele corresponde ao esperado:

[...] Quando os cavaleiros de rei Mars viram seu senhor por terra, não houve um que não ficasse espantado. E então aguilhoaram mais de dez a Palamades e mataram-lhe o cavalo e feriram-no com muitas chagas e o matariam então, porque não podia se defender a pé, mas Galaaz, que o prezava muito e à sua cavalaria, meteu mão à espada da estranha cinta e começou a dar tão grandes golpes, que derribava e fazia dano por onde ia tão feroz, que não havia tão corajoso, que não se espantasse com as maravilhas que o viam fazer, pois, sem falha, não alcançava cavaleiro, por bem armado que fosse, que o não metesse por terra morto ou ferido de morte ou paralisado, e todos fugiam dele, apenas o reconheceram um pouco, porque nem de longe houve

cavaleiro no campo que, em pouco tempo, não visse que fazia as maiores maravilhas de armas que nunca foram feitas no reino de Logres.

[...]

Que vos direi? A derrota foi tão grande e a morte, que nunca no reino de Logres houve antes maior, porque, sem falha, morreram naquele dia mais de trinta mil. E rei Mars fugiu e Aldrete com ele e tiveram grande pavor de morte e meteram-se na floresta, onde a viram mais espessa e assim escaparam. (DSG, 1988, n.p)

Além de mostrar grande habilidade, Galaaz não abre mão da violência e da brutalidade quando necessárias, pois essas são demandadas ao cavaleiro e exaltadas na literatura que sobre seu universo se constrói. Este é um entre tantos episódios nos quais o narrador tece elogios e admiração à coragem dos cavaleiros escolhidos, ridicularizando ao mesmo tempo os homens que fogem do combate, no caso, o Rei Mars, que após a derrota e fuga torna-se um cavaleiro covarde, justificando assim sua morte desonrosa. Na DSG, ao mesmo tempo que se constrói uma crítica às práticas cortesãs da cavalaria, valoriza-se as práticas violentas, vendo-as como próprias ao bom cavaleiro, características de uma masculinidade definida pela força, coragem e virilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O universo mágico criado a partir da cultura medieval, em especial a literatura cavaleiresca, constrói um imaginário sobre a Idade Média que ainda nos dias atuais a muitos fascina. A cavalaria é uma das grandes instituições medievais que buscou inspiração nas narrativas gloriosas dos feitos do passado. A Demanda do Santo Graal é representativa dessa instituição e serviu de inspiração a muitos medievais, como por exemplo a nobreza de Portugal, que buscou se assemelhar aos personagens apresentados nas narrativas. Dom João I comparou sua jornada e seu reinado ao do Rei Artur, potencializado pelo movimento de Reconquista e a fundação da Ordem de Aviz, que estreitaram laços com a Igreja Católica, situando Portugal como um reino cristão por excelência.

O cavaleiro real desde sua formação busca por riquezas, fama e poder. Com as mudanças trazidas principalmente pelo movimento das Cruzadas, a cavalaria toma contornos espirituais, dando início aos movimentos de unificação e institucionalização dos grupos militares, resultando na formação das ordens de cavalaria após a Primeira Cruzada.

Os cavaleiros literários dos romances de cavalaria, como os da obra analisada, surgem a partir do século XIII, e ele se torna o modelo de cavaleiro almejado por todos os reais cavaleiros, é no mundo do imaginário e do fantástico que a cavalaria encontra e realiza suas paixões, suas buscas e ânsias sobre o mundo real. Na Demanda do Santo Graal, os cavaleiros apresentados tomam contornos diferentes dos demais contos, por se tratar de uma narrativa com contornos cristãos. O personagem principal Galaaz toma o posto de cavaleiro perfeito principalmente por renunciar aos valores mundanos, além de suas práticas refletirem o que a Igreja demandava à cavalaria.

As ações dos cavaleiros eram guiadas por um código inspirado na moral cristã e nas demandas das masculinidades, santa e guerreira, esta última muito mais aberta à violência, inclusive a sexual, muito presente na narrativa, mesmo que em alguns momentos essa violência seja apresentada como prática a ser evitada. Em geral, porém, ela é vista apenas como uma consequência da luxúria dos cavaleiros.

Mesmo tendo sofrido críticas no período, a cavalaria nunca deixou de encarnar e inspirar os valores de uma masculinidade violenta. Sua atividade guerreira, que faz com que a violência seja condição para as conquistas nas batalhas, abre espaço para que essas práticas sejam transportadas para o cotidiano do cavaleiro real. Há que se supor que esses bravos homens tenham influenciado o comportamento dos demais, reforçando, e também dando

novos elementos, às construções culturais sobre o sexo masculino, ou seja, impactando nas construções de gênero. A DSG, tão representativa desse universo, deu certamente importante contribuição à construção do gênero masculino, reverberando nos sentidos das masculinidades do presente.

REFERÊNCIAS

Fonte Primária

A Demanda do Santo Graal. Texto sobre os cuidados de Heitor Megale. São Paulo: Editora da USP, 1988.

LLULL, Ramon; DE CUENCA, Luis Alberto. *Libro de la orden de caballería*. Alianza, 1986.

Bibliografia

BARTHÉLEMY, Dominique. *A cavalaria. Da Germânia antiga à França do século XII*. Trad. Néri de Barros Almeida e Carolina Gual da Silva -Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Kühner - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003

DUBY, Georges et al. *Guilherme, o Marechal: o melhor cavaleiro do mundo*. Trad. Renato Janine Ribeiro - Rio de Janeiro : Edições Graal, 1988.

DUBY, Georges. *As três ordens ou o imaginário do feudalismo* (1978). Tradução portuguesa. Lisboa: Estampa, 1982.

DUBY, Georges. *A sociedade cavaleiresca*: G. Duby; Trad. Antônio de Pádua Danesi - São Paulo: Martins Fontes, 1989.

FAVIER, Jean. *Carlos Magno*. Trad: Luciano Machado. - São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

FLORI, Jean. *Guerra Santa—Formação da ideia de cruzada no Ocidente cristão*. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

FLORI, Jean. *A cavalaria: a origem dos nobres guerreiros da Idade Média*. São Paulo: Madras, 2005.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. - São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2017.

GROSSI, Mirian P. *Masculinidades: uma revisão teórica*. São Paulo: Mandrágora, a. XII, n. 12, 2006, p. 21-42

HADLEY, Dawn M.(Ed.) *Masculinity in medieval Europe*. London, New York, Longman: Editor-Dawn Hadley, 1999.

KARRAS, Ruth Mazo. *From boys to men: Formations of masculinity in late medieval Europe*. University of Pennsylvania Press, 2003.

KLAPISH-ZUBER, C. *Masculino/feminino*. In: LE GOFF, J.; SCHMITT, J-C. Dicionário Temático do Ocidente Medieval, v.1, Bauru, SP; Edusc, São Paulo, SP, Imprensa Oficial do Estado, 2002, p. 137-150.

LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LEES, C.A. (Ed.) *Medieval Masculinities: regarding men in the Middle Ages*, Minneapolis: University of Minnesota Press, 1994

LE GOFF, Jacques – Livro – *A construção do Imaginário Medieval* – Lisboa: Coleção Nova História – 1994.

LE GOFF, Jacques. *O homem medieval*. Tradução de Maria Jorge Vilar de Figueiredo. - Lisboa: Editorial Presença, 1987.

LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. *Uma história do corpo na Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LE GOFF, Jacques. *O Imaginário Medieval*. Coleção Nova História. - Lisboa: Editora Estampa. 1994.

LE GOFF, Jacques. *O apogeu da cidade medieval*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LIMA, Marcelo Pereira. *O gênero do adultério no discurso jurídico do governo de Afonso X (1252-1284)*. Niterói: UFF, 2010.

LIMA, Marcelo Pereira. *Gênero, ensino de história e medievalidades:(des) conexões com o passado*. SIGNUM-Revista da ABREM, v. 20, n. 2, p. 148-193, 2020.

LIMA, Marcelo Pereira. *Duelo de masculinidades: gênero, casamento e adultério clerical no reino de Leão e Castela, século XIII*. Revista Crítica Histórica, v. 4, n. 7, 2013.

OLIVEIRA, P. P. *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG, Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.

RUST, Leandro Duarte. *A Reforma Papal (1050 – 1150): trajetórias e críticas de uma história*. Cuiabá, MT: EdUFMT, 2013.

RUST, Leandro Duarte. *Bispos guerreiros: violência e fé antes das cruzadas*. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2018.

SALLES, Bruno Tadeu. *Constituir a amizade, romper os vínculos, estabelecer o compromisso: a dinâmica dos equilíbrios senhoriais sob a perspectiva das comendadorias templárias de Vaour, Richerenches e Bayle (séc. XII e XIII)*. 2013. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em História)–Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte.

SCHMITT, Jean-Claude; LE GOFF, Jacques. *Dicionário temático do ocidente medieval*. Jacques Le Goff e Jean-Claude Schmitt. São Paulo: Edusc, 2002.

SCHIMITT, Jean C. *Corpo das Imagens*. Bauru: EDUSC, 2007.

SCHPUN, Monica R. *Masculinidades*. Boitempo Editorial-Edunisc, São Paulo-Santa Cruz do Sul, 2004

SILVA, Ademir Luiz da. *O ideal cavaleiresco de São Bernardo em A Demanda do Santo Graal*. *Mirabilia: electronic journal of antiquity and middle ages*, n. 13, p. 27-57, 2011.

SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. *Reflexões sobre o uso da categoria gênero nos estudos de história medieval no Brasil*. In: *Jornadas de Historia de las mujeres*, 8 Congresso Iberoamericano de Estudios de Género, 3, 2006. Villa Giardino, 25 a 28 de outubro de 2006

SOUZA, Neila Matias de. *Modelando a cavalaria: uma análise da Demanda do Santo Graal (século XIII)*. 2011. Tese de Doutorado. unpublished doctoral thesis, Niterói: Universidade Fluminense.

ZIERER, Adriana. *Eleitos versus Pecadores: O Ideal Cavaleiresco N'a Demanda do Santo Graal*. *Revista Crítica Histórica*, v. 4, n. 7, 2013.

ZIERER, Adriana. *Damas e cavaleiros n'A demanda do Santo Graal*. *Revista Graphos*, v. 15, n. 1, 2013.

ZIERER, Adriana. *"Literatura e História n'A Demanda do Santo Graal: o rei, o cavaleiro e a mulher."* In: ZIERER, Adriana e FEITOSA, Márcia Manir M. (Orgs). *Literatura e História Antiga e Medieval: diálogos interdisciplinares*. São Luís: EDUFMA, 2011, p. 13-44

ZIERER, Adriana; DA COSTA, Ricardo; OLIVEIRA, Solange Pereira. *Da ilha dos bem-aventurados à busca do Santo Graal: uma outra viagem pela Idade Média*. São Luís: Editora Uema, 2013.

ZIERER, Adriana. *A visão do diabo n'a demanda do santo graal*. *A Religiosidade dos Celtas e Germanos - São Luis: UFMA/ Grafica Santa Clara*, 2010.

DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE

Eu, José Marcos Flor Silva de Araujo, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado Masculinidades na literatura cavaleiresca - Demanda do Santo Graal foi integralmente por mim redigido, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico.

Brasília, 14 de maio de 2021

José Marcos Flor Silva de Araujo